

Lisboa, 23 de Março de 1976

33/200.

Senhor Ministro da Indústria e Tecnologia

Rua da Horta Seca, 15 - 29 .

Lisboa - 2

Excelência,

A Central Tejo, cuja inauguração data de 1906, deixou definitivamente de existir, no corrente ano, como possível unidade produtora de electricidade.

Há já anos que só uma parte das suas instalações, denominadas de "alta pressão", com equipamento muito velho e sem disponibilidade suficiente de pessoal especializado para a condução deste tipo de instalações, era mantida, mas apenas como medida meramente cautelar para ser utilizada como solução de recurso extremo.

Efectivamente, por despacho de 11/3/70, a Direcção Geral dos Serviços Eléctricos autorizava a desmontagem do que, nessa altura, ainda restava das respectivas instalações de baixa pressão. Estas instalações de baixa pressão haviam começado a ser desmanteladas em 1963, na sequência das conclusões do relatório da "Comissão de Apoio Técnico" que as considerou como desclassificadas.

Se logo nesse ano não foram inteiramente desmanteladas, foi porque se considerou, não obstante, que o apoio técnico não fosse desfalcado, de uma só vez, da potência que tais instalações ainda representavam. Assim, estabeleceu-se que as duas caldeiras menos antigas e de mais potência, bem como um dos grupos geradores fossem desmantelados posteriormente. Foi o que veio a acontecer em Maio de 1970.

Mais tarde, já no ano passado, a montagem, efectuada pela Companhia Portuguesa de Electricidade, de dois grupos de arranque rápido na Subestação de Alto de Mira, destinados fundamentalmente a apoio da rede da zona de Lisboa, veio retirar qualquer justificação à permanência, como reserva, das denominadas "instalações de alta pressão" da Central Tejo, tendo em conta até o seu estado decrépito que implicava uma falta total de segurança e, portanto, de ineficácia e, mesmo, de perigo para a vida dos trabalhadores, no caso de arranque. Daqui que se obtivesse nova autorização para o desmantelamento do que restava da Central Tejo, ao que se está a proceder.

Ora, dadas as características "sui generis" desta central, - a única no género que no país sobreviveu - e dado o significativo papel que desempenhou ao longo de 7 décadas, constituindo um marco da evolução técnica e do Desenvolvimento em Portugal, destruir-lhe o recheio, que, embora sem valor operativo, mantém singular interesse científico e tecnológico e derrubar o edifício, seria desperdiçar não apenas algo que, pelo seu passado, é património nacional, mas também a oportunidade de se preencher uma séria lacuna existente no país que é a de não possuímos um Museu da Técnica.

Afigura-se-nos, assim, que seria falta grave não considerar o interesse e a importância da oportunidade para a criação de um Museu da Electricidade e do Gás, como primeiro passo para o Museu da Técnica, ou para o Museu da Energia que Portugal tão lamentavelmente ainda não possui.

A localização do edifício da Central Tejo, em zona de vocação cultural e histórica, onde, além da concentração de grandes monumentos, existem vários museus, e o seu estilo arquitectónico, de personalidade bem definida, própria do objectivo para que foi construído e simbolizando uma época cujos tons são ainda os da grande revolução industrial, são factores adicionais que bem o destinam para a instalação daquele Museu.

Durante dezenas de anos foi olhado como ponto de referência importante: "dali partia a electricidade que Lisboa e arredores consumiam".

Perder-se este edifício, este local, seria destruir uma parte da história de Lisboa ou, mesmo, do país, que tantas destruições similares tem sofrido, e seria desperdiçar o bom aproveitamento de muito material que de verá ser incluído nesse Museu, a ser completado e enriquecido, naturalmente, com muitos outros elementos, numa preocupação de prospectiva à escala nacional e internacional.

Julgando-se ocioso enaltecer o interesse desta iniciativa, sublinhamos, entretanto, o que ela poderá representar de valor cultural para a população, e de factor pedagógico para os estudantes das escolas e universidades, além de constituir iniciativa a procurar dar uma imagem de modernidade, ou de forte intenção de viragem ao progresso, a um país especialmente marcado, por circunstâncias várias, como de vocação agrária, divorciado, como esforço nacional, do mundo da técnica.

Na certeza do seu bom acolhimento vimos propor ao Governo a criação do Museu Nacional da Electricidade e do Gás (ou Museu Nacional da Energia), a instalar no edificio da Central Tejo, para o que propomos, ainda, a constituição de uma Comissão Instaladora, cuja actividade se deveria desenvolver, por razões de eficácia, no seio desta empresa nacionalizada.

A Vossa Excelência, Senhor Ministro, apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE  
A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

*Francisco de la Torre*  
*Francisco de la Torre*  
*Francisco de la Torre*

Anexo I : Breves apontamentos sobre as primeiras tentativas para a iluminação das ruas de Lisboa e sobre a implantação das redes de gás e electricidade, na zona da Capital, até à inauguração da Central Tejo.

Anexo II : Breves apontamentos sobre a Central Tejo

Anexo III : O Trabalho na Central Tejo